

DANIEL P. MONTI

**“ASSIM BRILHE VOSSA LUZ”**

DANIEL P. MONTI

DANIEL P. MONTI

## **“ASSIM BRILHE VOSSA LUZ”**

A breve e iluminada vida de  
CARMEN CHACON,  
missionária e mestra.

Título original:

“ASI BRILLE VUESTRA LUZ”, publicado pela Editorial “La Aurora”, de Buenos Aires, e pela Casa Unida de Publicaciones, do México (D.F.). [1947]

Tradução e Revisão: Daniel Aço. [2008]

## ÍNDICE

Duas palavras de introdução.....	4
Prefácio.....	5
I. “Semelhante a um tesouro escondido”.....	6
II. Um salto ao passado.....	10
III. O lar dos Chacon.....	14
IV. Uma discípula notável.....	16
V. A Antioquia do Prata.....	18
VI. Rumo a Porto Alegre.....	20
VII. Visão espiritual e social do Rio Grande.....	23
VIII. Jogando o cimento.....	25
IX. “Luz que ardia e resplandecia”.....	28
X. Um idílio truncado.....	31
XI. “O mundo era pequeno para conter uma alma tão preciosa”.....	34
XII. Epílogo.....	37
– Sinopse cronológica.....	39
– Apêndices.....	41

## DUAS PALAVRAS DE INTRODUÇÃO

Daniel P. Monti passará ante nossos olhos, por meio destas páginas em cenas dramáticas e únicas, a breve e maravilhosa vida de Carmen Chacon, a missionária adolescente do Uruguai. Esta voltará do passado para recordar-nos que viveu e que sua vida se consumiu toda, todinha, como um círio luminoso ante o altar de Deus.

Há vidas assim: o tempo não as apaga. Seus rastros se convertem em rotas para os que vêm atrás. Curta, apertada e intensa foi a existência de Carmen. Mas sua obra não foi estéril: pode-se compará-la àqueles fios claros de água que abrem caminho pelas sendas da montanha. Nada parecem esses fios de água, mas, de vale em vale, aumentam de volume até converterem-se em caudaloso rio.

A obra de Carmen Chacon foi um fio de água fresca e vivificante descendo da Montanha da Fé, que se converteu em corrente caudalosa e perene de vida. A vida da primeira jovem missionária do rio da Prata, entre os metodistas, não podia ocultar-se entre os vincos do passado. Tinha de reviver em nossa memória: reviver como exemplo para outras jovens vidas nascidas à margem do mesmo rio, reviver para sacudir consciências dormidas, reviver para que, ao admirá-la no esconderijo de sua humildade e sentindo o fascínio de sua devoção, nos cause o desejo “de ir e fazer o mesmo”.

Monti fez uma obra de reivindicação. Devíamos a Carmen a homenagem de nossa gratidão e aqui a temos. Talvez devêssemos ter despertado antes para inscrever seu nome entre os heróis de nossa fé, mas jamais é tarde para se fazer justiça. Agradecemos a Monti por estas páginas apaixonadas de sua pena de cristão e batalhador, e damos graças a Deus por Carmen, rogando-Lhe que faça nascer no seio de nossa juventude a mesma ardente paixão heróica de “Ir e pregar, e ensinar”, que ardeu no peito da jovem uruguaia de San Ramón.

Sante Uberto Barbieri

## PREFÁCIO

A probidade literária impõe, em nosso caso, antecipar ao amado leitor que unicamente correspondeu ao autor do presente trabalho o labor, mais ou menos paciente, de ordenar, em forma mais ou menos lógica, as informações incompletas, e freqüentemente desconexas, e as notícias soltas que chegaram às nossas mãos.

Esforçamo-nos em estruturar harmonicamente os dados excessivamente sucintos de que dispúnhamos e tomamos a liberdade de fazer uma tarefa de interpretação de fatos, sentimentos e ambientes, atualizando e dando vida a esses dados. A razão de tal proceder, se alguma desculpa merece, é apresentar o verdadeiro espírito e alcance da obra de Carmen Chacon, tal como a compreendemos.

Não sei qual seria o alcance da medida do tolerável, a autorização à dedução e indução simpática do biógrafo até o personagem biografado. A verdade é que o conhecimento da vida real de um personagem não reside tanto na precisão escrupulosa do dado estatístico, na listagem seca dos fatos realizados, no registro do pensado, ocorrido, escrito...

Creemos que o rasgo, por impreciso que seja, de qualquer personagem que tenha a virtude de chegar à alma de outra pessoa, provocando uma reação simpática, é o mais fiel deste personagem, ainda que biograficamente não se saiba muito dele.

Pouco sabemos da biografia de Jesus. Mas quanto o sentimos; como orienta nosso espírito!

A anedota freqüentemente vale mais do que um tomo de História para revelar-nos o verdadeiro espírito de uma época ou de um acontecimento.

Mas devemos deixar bem claro que, no que respeita à presente biografia, não nos apartamos de nenhum ponto da fidelidade e da exatidão do material original que nos foi facilitado.

Devemos deixar expressamente dito que a possibilidade de que esta biografia saia à luz se deve exclusivamente à abnegada e entusiasta dedicação da senhorita Lodovírica Comba, que soube dessa mulher admirável que a cativou de imediato — como cativa a quem dela se aproxime. Pacientemente, a senhorita Comba foi reunindo quanto material era possível conseguir sobre a nossa Carmen. Teve assim a virtude de impor-nos sua admiração para figura tão nobre, oferecendo-nos a privilegiada oportunidade de reunir estas páginas que são minguado tributo a tanto valor que pretendemos atualizar, e que foram escritas com sinceridade e reverente emoção.

E reconhecida gratidão, pelas valiosas informações e sugestões recebidas, ao Rev. Sante Uberto Barbieri, pastor que fora, durante muitos anos, da Igreja Metodista de Porto Alegre e Presidente da Comissão Diretora do Colégio fundado por nossa biografada, a quem coube descobrir, na forma inesperada que relatamos, a data perdida de sua fundação.

Segue, pois, ao leitor, esperando seja para ele também inspiradora a vida da jovem Carmen Chacon.

Daniel P. Monti

*Buenos Aires, 22 de novembro de 1945.*

## Capítulo I

### “SEMELHANTE A UM TESOURO ESCONDIDO...”

Era lâmpada que ardia e resplandecia, (e nos alegramos) por algum tempo em sua luz.

João 5:35.

Na nutrida biblioteca da cidade sulina do Brasil, Porto Alegre, um dos leitores está inclinado sobre as amarelentas páginas de um velho e amplo volume. Passa lentamente seu olhar escrutador sobre os títulos escurecidos, quase salientes, das apertadas colunas do jornal *Comércio*.

Como habituado a infrutíferas incursões na busca por algum dado para documentar um fato, investiga, pacientemente, e sem mostras de desalento, um trabalho literário; distraído por uma notícia interessante, aquele dado sugestivo, mesmo não sendo o que busca, renova o ânimo para continuar...

Já tendo folheado mais da metade do volume do *Comércio* correspondente ao mês de outubro de 1885, o nome do escritor de Porto Alegre do final do Século das Luzes, que é o que busca, ainda não apareceu. Continua voltando lentamente, para sua esquerda, as amplas e apergaminhadas páginas. De repente, ao ter na linha de seu olhar uma das folhas, no instante brevíssimo em que o papel toma a posição vertical antes de arquear-se e revelar o conteúdo da página seguinte, um título lhe faz aproximar mais seu rosto.

Não, o título que lê não é o que tão ansiosamente busca. É outra coisa: uma notícia quiçá menos pretensiosa para alguns, mas que, para ele, tem o sabor de todo achado inesperado que provoca essa íntima satisfação que sente cada descobridor de tesouros ocultos.

O título que descobriu reza assim:

#### COLÉGIO EVANGÉLICO MISTO N<sup>o</sup>1

E, após o título, esta breve notícia:

“Sob a direção da jovem Carmen Chacon e de nosso compatriota, o senhor J.C.Corrêa, foi inaugurado ontem um novo estabelecimento de instrução pública na Rua Dr. Flores n<sup>o</sup>90.

Além das matérias exigidas nas demais escolas, ensina-se Anatomia e História Natural, para as quais possuem seus diretores conhecimentos especiais, tendo à sua disposição uma grande coleção de quadros adequados ao ensino prático.

A senhorita Carmen Chacon, que possui diploma de professora obtido no Uruguai, onde dirigiu vários centros de ensino, trabalha como comissionada da grande Sociedade Missionária de Mulheres dos Estados Unidos da América do Norte (W.F.M.S.).

Recomendamos ao público o novo estabelecimento.”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Para compor esta obra, Daniel Monti fez uso de fontes bibliográficas em português. Não sendo possível o acesso a tais referências, fica o registro de que a tradução que agora se faz, em determinadas passagens, é uma tradução da tradução. Ao pesquisador mais interessado,

Tal notícia apareceu na edição do jornal *Comércio* correspondente a 21 de outubro de 1885.

Não há achado maior, mais valioso, mais sugestivo e que envaidece de mais sincera satisfação do que o achado que não se busca. Que não se busca já por crê-lo inexistente ou irremissivelmente perdido, mas cuja falta se sente com nostalgia e um tanto de apreensão e angústia.

Precisamente, quem se detém com tanto afã sobre esta breve notícia é o pastor da Igreja Evangélica Metodista da cidade e Presidente da Junta Diretora do referido colégio, que nesse ano completava o cinquentenário de sua fundação.

Como não sentir, pois, uma alegria imensa se acabava de achar o que faltava na história desta nobre instituição: sua data de nascimento e o dia exato em que a instituição surgira à vida pública para contribuir ao desenvolvimento mental e moral da população de Porto Alegre! Como não sentir imensa alegria se acabava de encontrar essa data? Fato é que, em 19 de outubro de 1885, se iniciaram as classes!

E dias antes da notícia, um aviso na edição do dia 18 no mesmo jornal *Comércio*, de Porto Alegre, dizia:

#### COLÉGIO EVANGÉLICO MISTO N°1

“Comunicamos ao público que no dia 19 do corrente mês de outubro de 1885, às 8 horas, abriremos este estabelecimento que admitirá os alunos que nos sejam confiados ao principiar o curso, e que continuará como preparação para sua inauguração definitiva ao começarem os trabalhos do próximo ano.

Para os devidos fins, fazemos este aviso aos senhores pais de família e ao público para que nos honrem com uma visita na Rua Dr. Flores n°91, Praça General Marques, das 9 da manhã até as 4 da tarde. Os receberemos com prazer e agradecemos vossa visita. Porto Alegre, 17 de outubro de 1885. Professora Carmen Chacon. Diretor João C. Corrêa.”

Ante achado tão providencial, estranho não é que nosso investigador se olvidasse do propósito inicial que ali lhe levava e que dera por bem empregado seu tempo. Não era o seu um achado semelhante ao tesouro escondido da parábola de Jesus?

Essa breve e luminosa parábola como o pintassilgo que surge veloz do loiro trival, submergindo-se trinador no azul de um dourado dia de primavera, qual dissera Jesus um dia, sem dúvida iluminado e cálido, às multidões que lhe escutavam: “O Reino dos Céus é semelhante a um tesouro escondido em um campo que, tendo-o achado um homem, o cobre; e em seu gozo vai e vende tudo quanto tem, e compra aquele campo” (Mateus 13:44).

Sim, acabava de encontrar um tesouro escondido, uma pérola refulgente, tanto mais refulgente quanto mais inesperada... pérola que precisava a data de nascimento de uma grande obra humanitária e cultural!

---

portanto, jamais é excesso procurar e fazer uso de fontes originais. Fica o registro. [Nota do Tradutor]

“Semelhante a um tesouro escondido”... Exatamente, mas não em campos lavrados ou abandonados por sua aridez, mas neste outro campo moderno, o jornal que registra dia a dia o proceder humano, o labor e a marcha de seu pensamento. Era um tesouro que permanecera escondido no acúmulo das linhas tipográficas, intacto, revelador, a cujo invocador conjuro surgia, repentinamente, a grandeza de um fato: o começo humilde da obra eterna pela grande alma e terno coração de uma fiel e humilde serva do Senhor.

“Um tesouro... que, tendo-o achado um homem, o cobre”... Mas este tesouro não era para ficar oculto, pois era uma daquelas novas descobertas que teria de ser proclamada do alto. Como calar quando as páginas amarelentas o revelaram generosamente? Como calar quando provocava uma satisfação tão íntima que faz reunir familiares e vizinhos para participar-lhes do achado?

Como estimularia a difusão, frente à obra já realizada, o conhecimento de sua iniciação humilde e o nascimento aparentemente intranscendente de um fato cuja trajetória, qual parábola grandiosa, seguisse desde seu início até a luminosa amplitude alcançada no presente!

E assim, com este tesouro contido em sua memória e envolvido em seu coração, o pastor comunica a novidade em seu lar, na escola, na igreja...

É necessário lembrar o fato para que o ressuscite na consciência de todos, e o elevado e nobre exemplo de Carmen Chacon seja força estimulante para cada um.

E assim o fez. Em um discurso na Assembléia do Colégio Americano de Porto Alegre (que assim se chama, atualmente, o antigo Colégio Evangélico Misto nº1), celebrada em 17 de agosto de 1935, assinalava o começo de uma escola que abriu seu registro com 3 alunos e que chegara a 8 no fim do ano, mas que no curso do ano seguinte, em 1886, chegou até 187, inaugurando-se, além disso, o curso noturno com 84 adultos inscritos.

“Foi neste lugar — dizia entre outras coisas —, onde havia de revelar-se o talento brilhante e a capacidade surpreendente da jovem professora, senhorita Chacon. Possuía um caráter puro e forte que, apesar de sua juventude, pôde impor-se e conquistar não somente o respeito, mas o carinho de todos os alunos que tinha sob seu cuidado.

Compartilhar e comunicar o que sabia era um dom natural em Carmen Chacon, e por isso é que seus alunos sempre se sobressaíram brilhantemente nos exames e provas finais.

Uma prova do apreço que havia conquistado o revela o seguinte juízo do Dr. Wood, Superintendente da Missão, em uma carta que lhe enviara: ‘Ao aceitar você a ida a Porto Alegre, cumpriu todas as minhas esperanças, e muito especialmente tenho de admirar a paciência e a abnegação com que trabalhou dia e noite sem esperar outra recompensa que o galardão espiritual.’”

---

Muito valeu o achado de tal tesouro, reunir as pessoas, declará-lo dizendo-lhes: “Dai-me alvíssaras”...

Ante tão inspiradora evocação do passado, levados por uma força interior, o presente parece eclipsar-se e desaparecer. É como se tivesse dado um salto para trás...

## Capítulo II

### UM SALTO AO PASSADO

As três batidas suaves e acariciadoras, convidando as crianças a prestarem atenção, indicam que são 8h30min, hora exata de se iniciarem as aulas. Todos se habituaram à escrupulosa pontualidade da mestra.

Cada um já em seu lugar, corretamente, começa-se, como em todas as manhãs, entoando o expressivo canto que predispõe o espírito, a vontade e a mente para o resto do dia. Seguem a voz harmoniosa, de cálidas tonalidades da “professora” (como todas as crianças a chamam) que dirige o canto:

Aqui outra vez com gosto nos reunimos  
onde Deus nos concede constante instrução,  
louvares cantamos, e humildes rogamos  
que tiremos proveito de nossa lição.  
A ti, ó Jesus, muitas graças rendemos;  
Que nos deste vida, saúde e vigor.  
Concede-nos a ciência, também te pedimos,  
dirigindo os estudos, divino Senhor.

A canção enche o amplo lugar transformado em sala de aula, aumenta de volume e, através das janelas, derrama-se em melodias pela Praça General Marques, como num chamado à atividade, e mete-se a andar pelos espaços abertos...

A mestra passa seu olhar terno e iluminado sobre as crianças, enquanto elas, tomando assento, apanham um livro e esperam.

— Hoje leremos o capítulo 5 de São Mateus.

Em uníssono se abrem os Novos Testamentos como numa agitação de insetos, a qual dura o suficiente para achar-se a página correspondente. Cada manhã, depois do canto, a leitura de um capítulo do Novo Testamento. Volta a fazer indicações:

— Hoje participarão todos os que sabem ler, lendo por ordem um versículo cada um. Para amanhã, como outras vezes, designarei logo um aluno que leia para toda a classe uma das parábolas de Jesus.

Ordena com sua voz suave, doce e com um sorriso franco e comunicativo sempre à flor dos lábios. Sua boca é firme. Há, nela, essa brandura persuasiva que nasce da única força real, a força do espírito. E lêem pausada, ritmicamente...

- “E vendo Jesus as multidões, subiu a montanha, e sentando-se...
- E... Ihes ensinava dizendo...
- Bem-aventurados os humildes...
- Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça...
- Bem-aventurados os puros de coração...
- Bem-aventurados os misericordiosos...
- Bem-aventurados os pacificadores...
- Brilhe vossa luz diante dos homens para que vejam vossas obras...”

Após a leitura, a habitual história ou relato sobre o que se leu. Hoje, a voz equilibrada da professora, tão querida por todos, faria o relato. Tarefa esta que alternava com o pastor João C. Corrêa, Diretor do Colégio, ou participava com algum visitante ou convidado.

A senhorita Carmen exerce uma suave e firme influência sobre suas crianças que, a despeito da inquietude e vivacidade próprias da idade, se esforçam para obter a aprovação que a professora exterioriza com seu carinho; esforçam-se para se comportarem corretamente, aplicam-se ao estudo, anseiam que o boletim mensal que receberão seus pais leve as melhores notas...

Terminou o comentário e, com ele, a parte devocional. Começam agora, formalmente, as aulas de instrução, e faz-se a chamada dos presentes.

Escreve os deveres no quadro e, dadas as indicações pertinentes, começa seu habitual passeio entre as filas de amplos bancos, ocupados, cada um, por três crianças.

De estatura bem mais baixa, desloca entre as crianças seu corpo ágil e harmonioso, observando, indicando, corrigindo... e as crianças se sentem sobressaltadas de prazer e gratidão quando inclina sobre elas sua cabeça, ornada de escurecida e larga cabeleira, que emoldura seu rosto de pele muito branca.

Enquanto caminha, joga entre suas mãos pequenas a régua cilíndrica de ébano de uns cinqüenta centímetros de comprimento por dois de diâmetro. Mas nenhuma das crianças teme tal régua. A senhorita Carmen não necessita dela para educar, menos ainda para ensinar. Ela tem um método natural, simples, prático, vantajoso — muito vantajoso, sobretudo, porque é humano, muito seu, pois ensina mais com o coração do que com a cabeça, e fala, com suas maneiras e olhares, mais ao coração do que à cabeça de suas crianças.

Não, não carrega a régua de ébano para ajudar seus dezessete anos aproximados e impor-se; menos ainda para castigar. São outros, muito mais dignos, os objetivos de seu uso: indicar o dever que têm de cumprir; orientar, quando o nível de atenção cede em alguém; traçar linhas no grosso livro de registro. E especialmente para fazer esses compridos e perfeitos cachos que dão um tom de pessoal originalidade à sua formosa e bela cabeleira adornada, sempre impecavelmente penteada!

É espantosa a energia que pode desdobrar esse corpo pequeno. É espantosa a gama de ensinamentos que pode comunicar seu cérebro. Ler, escrever, calcular, desenhar, noções práticas de Geografia, História, Astronomia, Geometria... Com quanto gosto a escutam as crianças; com quanto interesse seguem com seus ouvidos sua explicação e, com seus olhos, as mãos ágeis — que, para facilitarem a compreensão, enquanto ela fala, desenhavam sobre o quadro-negro as ilhas, as penínsulas, os mares, os vulcões... E a habilidade com que descreve as coisas mais o menos comuns da vida como a água, o sal, o açúcar! E quando descreve a anatomia de nosso corpo e a fisiologia de nossos órgãos?

Tal multiplicidade de trabalho e vastidão de matérias se cumprem não em detrimento da profundidade, pois os positivos resultados de seu sistema merecem a aprovação e o aplauso entusiasta de mestres mais experimentados do que Carmen, e ainda dos próprios inspetores escolares do governo — bastante severos, em geral, com as escolas particulares ou incorporadas.

Às doze!

O toque das badaladas das doze é um dos mais alegres: soa a saída.

É compromisso de uma hora e meia que pertence exclusivamente às crianças. É o tempo delas. O almoço que restitui suas energias físicas, o descanso que afrouxa a tensão nervosa e recompõe as energias mentais e, principalmente, o jogo que suaviza os nervos, harmoniza a vontade, reintegra a personalidade.

Oh, a magia deste recreio! Com que alegre confiança e ruidosa satisfação rodeiam as crianças sua professora, a senhorita Carmen, que entra em suas cirandas e cujo canto de toada cadenciada dirige com sua voz modulada e doce, enquanto as pernas elásticas e os pés alados seguem o compasso do ritmo da música! E o salto de corda, e o pega-pega... E a professora uma delas, como uma delas...

Repentinamente, um silêncio profundo quebra a algaravia.

O som da badalada da uma e meia parece ter ceifado o sorriso nas gargantas e as vozes ingênuas à flor dos lábios.

Mas fica como um horizonte de sorrisos bonitos, cândidos, satisfeitos vibrando no ambiente saturado de tranqüila e de alegre confiança e gratidão.

Há de se retornar ao trabalho até as quatro da tarde. As crianças reconfortadas pelo gozo de um momento, levando ainda consigo muito da cálida luz exterior, de três em três ocupam seus assentos. A tarefa renovada se torna mais leve: se a empreende com pujança, pujança que volta a declinar até o instante em que a senhorita anuncia o canto do hino de despedida. Então se voltam a refazer e unir em um feixe voluntarioso todas as energias para cantar:

Concluída a lição ao lar voltemos,  
Oh, vem com nós, fiel Salvador!  
Dirige os passos por onde andemos,  
e guarda-nos em teu santo temor!  
Os lábios governa, que nunca falemos  
palavras de dolo, impureza ou rancor;  
os corações rege, que a todos tratemos  
com muito respeito, modéstia e amor.  
Livra-nos de toda má companhia,  
Oh, recorda-nos sempre nosso dever,  
e amanhã voltamos com grande alegria,  
desejando progresso, virtude e saber!

Com que entusiasmo cantam todos a canção de despedida! Todos? Alguém permanece mudo, com o olhar extraviado, ou segue a canção arrastando-a, desanimadamente. Alguma criança, hoje, ficará “prisoneira”?

Esta escola é alegre e risonha como os negros e abertos olhos da senhorita Carmen, que ressaltam vivazes e brilhantes de seu branco rosto. Dá gosto estar aqui com uma mestra compreensiva, tolerante, humana! E é por isso que o “prisoneiro” se entristece. Não pelo castigo, o qual sabe que se lhe impõe merecidamente, mas por ter obrigado a boa professora a olhar-lhe sem o sorriso habitual, muito apenada ela mesma de ter de dizer:

— Hoje, Carlos, e Emílio, e João... ficareis prisioneiros.

E enquanto todos saem ao sol, rompendo, lá fora, em risos e fuxicos e corridas, os “prisoneiros” ficam para receber seu castigo. Que é isto de “prisoneiros”?

– Tu, Emílio, fizeste hoje o dever com uma letra horrível. Podes fazer um trabalho muito melhor e não está certo que, por falta de esforço, tenhas um caderno desagradável. Eis aqui tua “prisão”: copia-me esta página com a melhor letra que possas.

– E tu, Carlos, que te aconteceu hoje com o problema? Deves saber resolvê-lo porque já o fizeste vários parecidos. Deves resolvê-lo corretamente...

Tal é o castigo aos “prisioneiros”: uma disciplina, não aos incapacitados, mas aos capazes que não controlam sua vontade...

Porém, como a senhorita Carmen convive com eles, não pode com seu gênio e, freqüentemente, quando algum dos presos se demora muito na realização do trabalho, aproxima-se e, inclinando-se sobre ele, como para assegurar-se de como anda o dever, murmura em seu ouvido com voz doce, clara, comunicativa de simpatias e compreensão:

– Veja, pequeno, faça isto: te reanimará, te dará forças, e assim terminas mais depressa e já saís de tua “prisão”.

E lhe desliza alguns biscoitos, alguma fruta e, após uma carícia alentadora, volta a deixá-lo sozinho.

É a luz que chega ao “prisioneiro”; é ela a disciplina moderada com o amor, que tudo pode e tudo vence.

---

Assim era um dia de aula na escola de Carmen Chacon.

## Capítulo III

### O LAR DOS CHACON

San Ramón, hoje vilarejo sem importância e sem maior futuro, do Estado de Canelones, República do Uruguai, era, em 1869, um povoado ainda pequeno, discreto e promissor.

No humilde lar dos Chacon, vizinhos de San Ramón, havia um nervoso ir-e-vir a 8 de abril de 1869: estavam na expectativa do nascimento do sexto filho. Não eram poucos, os cinco já nascidos, para a precária situação econômica da família. Mas a menina — foi uma menina que nasceu nesse 8 de abril — foi recebida com a prazerosa simplicidade e carinho dos humildes, e lhe puseram o nome do ser que lhe deu a vida: *Carmen*.

Carmencita não teve tempo de conhecer bem seu pai porque este faleceu pouco depois, recaindo todo o peso do sustento do humilíssimo lar, duro e difícil já de per si, à mãe, Dona Carmen Simois de Chacon. A abnegada mulher não poupou zelos nem fadigas para dar a seus filhos a melhor educação possível, conseguindo que os seis recebessem, integralmente, o ensino primário na escola pública de San Ramón.

Carmencita, a filha menor, contava oito anos quando aconteceu em San Ramón um fato novo, o qual rompia a monotonia tradicionalista do lugar e teria transcendental repercussão no futuro de Carmen.

Um “herege luterano” havia chegado ao povoado!

Efetivamente, em 1877, João C. Corrêa, evangelista itinerante da Igreja Evangélica Metodista, tal era o famoso “herege”, estabelecia a primeira obra evangélica em San Ramón, iniciando reuniões de caráter um tanto íntimo no lar de Eulogio Barbieri. A viúva de Chacon assistiu desde o primeiro momento, com sumo interesse, acompanhada de toda sua prole. Imediata e poderosamente chamou a atenção de Corrêa a vivaz inteligência da pequena Carmen.

Que decorreu desta obra? Sente-se alguém obrigado a perguntar quando sabe do fruto brilhante que deu para a vinha do Senhor a pessoa de Carmen.

E a única resposta que se acha é que a obra evangélica de San Ramón parece ter sido fundada com um propósito especial, determinado e único, e que, cumprido o dito propósito, teve de extinguir-se porque já não tinha razão de ser, como os vaga-lumes que nascem para brilhar, procriar e morrer na mesma noite, tudo em uma trajetória luminosa e efêmera, mas frutífera.

Assim foi a efêmera obra de San Ramón, assinalada por uma trajetória intensamente luminosa e frutífera, cabendo a uma mulher, cujo breve trabalho rendeu frutos perduráveis, a sorte de fazer a história religiosa e educativa da Igreja Evangélica Metodista.

O pastor Corrêa trabalhou em San Ramón intensa e silenciosamente, embora com longos intervalos dedicados a extensas viagens de colportagem, durante cinco anos, ao fim dos quais viu seu trabalho coroado com a doação de um terreno de 12,50 x 25 metros, bem localizado.

Sob o título de ‘Bem para os de San Ramón’, o *El Evangelista* de 31 de outubro de 1882 celebra essa notícia, informando que se deu “um passo adiante” com a escrituração do dito “terreno que um amigo do evangelho (Dom Eulogio Barbieri?) acaba de doar para levantar um templo evangélico”.

O lar dos Barbieri, onde se iniciaram e continuavam se realizando as reuniões, estava nas redondezas do povoado, o que não impedia que a assistência fizesse pequeno o local, instalando a construção da casa do Senhor. O pastor Corrêa terminava sua crônica com esta nota entusiasta: “Nossos inimigos estão furiosos, enquanto os amigos nos vêm felicitar pelo bom êxito. Assim são as coisas”.

Que aconteceu ao projetado templo? E a obra?

O entusiasmo das notícias cai rapidamente. Cessam as notas sobre a obra de San Ramón. Expresso-me mal. Dois anos depois, no *El Evangelista* de 6 de setembro de 1884, lemos: “Nosso querido irmão na fé, Dom Eulogio Barbieri, segue sempre alumbrando aquele povo com a tocha do Evangelho. As reuniões em sua casa seguem regularmente”.

Mas já não se volta a mencionar pastor algum, nada do projetado templo, e as notícias da obra evangélica metodista de San Ramón se perdem como na opaca cantilena do sabor de um responso fúnebre, e, no eco desta última, escuta: “*Notícias de San Ramón* — Segue no mesmo pé a obra ali existente. O culto familiar é regularmente concorrido, notando-se, nos que o assistem, firmeza nas conversões e completo assentimento às doutrinas evangélicas”.

Isto em maio de 1885 e, logo após, nada mais. Só fica da obra de San Ramón uma lembrança.

Tão somente uma lembrança, não mais?

Muito mais do que uma lembrança: uma flor perfumada. Mais ainda: o fruto maduro dessa flor, cujas pétalas, ao caírem, ainda tersas e louças, deixaram à plena luz, ante o mundo, um fruto em plena estação, cuja semente frutificou feraz.

E seu perfume perdura porque se consumiu nas chamas de um amor transformador que permite dar-se sem reservas a toda obra de bem, a cujas outras obras transmitiu sua mesma essência.

Parecera que o Altíssimo tivesse determinado que a igreja de San Ramón se estabelecesse na intimidade de um lar só para isso: para que Carmen Chacon encontrasse o caminho de sua vida, de uma vida que devia frutificar longe, em outra pátria e entre gente de diferente idioma.

Aconteceu igual ao pólen que o vento ou os insetos transportam às flores de outras plantas, onde frutificam; ou como as sementes levadas pelas aves que germinam em regiões muito distantes às de sua origem.

Foi assim com a igreja de San Ramón: deu a Carmen a semente que o Senhor da seara utilizaria para fazê-la germinar e frutificar na distante cidade de Porto Alegre.

## Capítulo IV

### UMA DISCÍPULA NOTÁVEL

Quem caça almas é sábio.

Desde quando a conheceram em San Ramón, a vida de Carmen fica, até o final, identificada com a da família do pastor Corrêa, que a adotou com o consentimento de sua mãe.

Mente rápida, inteligência clara, termina seus estudos primários aos onze anos, merecendo tão honrosas qualificações que parentes e amigos identificam nela a realização de grandes esperanças.

Sua vida espiritual se desenvolve em harmonia com sua mente: primeiro, sob o exemplo de sua consagrada mãe; depois, pela benemérita influência do pastor Corrêa, que se constituiu seu tutor para ajudá-la em sua educação, levando-a consigo a Montevideo, em 1881. Diz que ela, “educada desde sua infância no conhecimento do Evangelho de Cristo, cresceu nele de uma maneira surpreendente e digna de todo elogio, até tornar-se professora da Escola Dominical...”.

Em Montevideo, a fim de completar sua educação, Corrêa coloca-a para estudar sob a direção da grande educadora Teresa Calvet.

É uma discípula notável e de espírito inquieto que, ao par de seus estudos oficiais, estuda música e outras matérias, chegando muito rapidamente a ocupar o cargo de ajudante na Escola Evangélica nº4, escola estabelecida na Rua Municipio e dirigida pela senhorita Adela Poggio.

É tanto amor e zelo que a jovem Carmen põe em sua obra que, ao realizar-se o torneio intelectual de final de curso, torneio que se realizava publicamente, o jornal independente *La Tribuna Popular*, de Montevideo, se sente no dever de destacar a qualidade dos exames obtidos pelas crianças de Carmen — “notável discípula, diz, da senhora Calvet” —, exames, ressalta, “que não se esperava em crianças da idade que compunham esses grupos”, terminando: “Isto demonstra o zelo e os esforços que a inteligente senhorita Chacon fez para incutir em sua classe os conhecimentos que possui”.

Isso foi no ano de 1884. Ou seja, nos adiantamos um tanto aos acontecimentos. Convinha isso para deixar completa a fisionomia intelectual de Carmen. Contudo, note-se que nessa data só tinha quinze anos.

Agora podemos seguir mais detidamente o desenvolvimento de sua vida espiritual.

Em agosto de 1881, a Igreja Metodista de Montevideo estava comovida pela proximidade da partida à Europa do doutor Wood, grande missionário, muito ilustrado e muito querido por todos, o qual realizou um grande trabalho para o desenvolvimento do Evangelho em quase toda a América do Sul e, em especial, em nossa região.

O doutor Wood partia em 28 de agosto de 1881. Fazia poucos meses que Carmen Chacon chegara a Montevideo, e contava com doze anos. Ela compartilhou, com a senhorita Magdalena Crovetto, da manifestação do profundo sentimento de todos ao “adeus” e “feliz viagem” com que a congregação da cidade, reunida no mole, se preparava para despedir-se do doutor Wood, pronunciando simples e comovidas palavras nas quais já se pressentia um pensamento sério, uma mentalidade precoce.

A seriedade de seu pensamento e o desenvolvimento de sua experiência religiosa, que fazem pensar em maturidade, esquecendo-se que sua autora era uma criança, se comprovam na palestra dirigida ao corpo de instrutores em agosto de 1883, quando tinha quatorze anos. É uma palestra que toma como lema as palavras do livro de Provérbios, “*Quem caça almas é sábio*”, e está encaminhada a fazer sentir a responsabilidade que pesa sobre os mestres da Escola Dominical e a necessidade urgente de dedicarem-se com toda a seriedade a adquirir a preparação indispensável para serem “caçadores” de almas.

“Os homens do mundo, que fazem da caça uma profissão ou um passatempo — diz na parte central de sua mensagem —, têm, cada um, sua maneira de caçar, e esta maneira adaptada a seus gostos ou conveniências; porém, em nenhum deles suas aptidões se desenvolveram sem terem tido, previamente, seus efetivos exercícios”. Tal caçador caça “destruindo ou aprisionando o que foi objeto de seu afã, enquanto o caçador de almas caça... por conveniências eternas, salvando as almas e ensinando-as a abandonar a escravidão de Satanás para conduzi-las à liberdade gloriosa de que gozam os filhos de Deus”.

Porque tal é o labor do mestre da Escola Dominical e, uma vez que “a caça abunda e os caçadores escasseiam”, deve-se continuar, sem desmaio, esta tarefa empenhada com amor. E para que esta seja mais e mais eficiente, assim “como o caçador ordinário se aperfeiçoa em sua profissão por seus contínuos e constantes exercícios, vós também, por vossos contínuos e constantes exercícios em vossa profissão”, deveis aperfeiçoar-vos em tão grande tarefa...

Nada explica melhor a vocação de Carmen Chacon e nada diz mais sobre seu profundo e sério sentido de responsabilidade que tais palavras.

Como não é bastante o que chegou até nós do que Carmen escreveu e falou, consideramos de valor documental reproduzir ambos os trabalhos num apêndice no final desta obra.

Vimos seu trabalho elogiável como mestra auxiliar na Escola Evangélica nº4. Agora devemos assinalar que a consagração desta menina fez com que, em março de 1885, fosse nomeada instrutora titular, junto a Consuelo Portea, da Escola Dominical Central de Montevideo.

Mas não havia de valer-se aqui de tal título. Passara quatro anos nesta cidade completando seus estudos, fortalecendo sua experiência religiosa e dando o melhor de si mesma, em mente e espírito, à obra de seu Senhor. Nesse mesmo ano acompanhará seu pastor e protetor, João C. Corrêa, em uma viagem missionária rumo ao Norte, onde, ao mesmo tempo, lhes esperam grandes coisas e grandes penas...

## Capítulo V

### A ANTIOQUIA DO PRATA

“O Templo da Rua Treinta y Tres” ocupa na História da Igreja Metodista do Rio da Prata um lugar altamente significativo.

Pelo espírito missionário que a distinguiu desde cedo, levando o Evangelho para todas as direções, muito merece a igreja de Montevideo o nome de “A Antioquia do Rio da Prata”.

Descobrimos nela o mesmo zelo, a mesma intensidade, idêntica disposição para a luta e o sacrifício que, guardadas as proporções, permite-se confrontar, com dignidade, o paralelo que assinalamos com a história do livro de Atos, capítulo 13. Também ali havia “profetas e mestres”, e também entre eles se ouviu a voz do Espírito Santo dizendo: “Separai-me Barnabé e Saulo, a evangelistas, mestres e mestras... para a obra a que os tenho chamado!”.

A alma e o nervo desta “Antioquia do Prata” é o missionário doutor Tomas B.Wood que, em 10 de maio de 1877, encarregado da igreja de Montevideo em substituição ao doutor Thomson, transferido para Buenos Aires, ao mesmo tempo substituída, como Superintendente da Missão, o doutor Jackson – que, em setembro de 1878, ausentou-se para sua pátria com sua família.

No primeiro ano de seu pastorado, o pastor Wood organizou a igreja: obteve determinados reconhecimentos do governo nacional (como a validade legal dos certificados de batismo expedidos por nossa Igreja) e, em 1º de setembro, fundou, para defender a causa evangélica dos ataques inimigos, o *El Evangelista*, do qual foi diretor.

Em setembro de 1878, o doutor Wood ocupava a Superintendência da Missão por terem se ausentado, à sua pátria, o doutor Jackson e sua família, cargo que devia ocupar até julho de 1886. Período de nove anos que se caracterizou por uma “enérgica prossecução do trabalho de exploração e trabalhos avançados em todas as direções, até os limites do continente. Os trabalhos se realizavam sempre com relação às atividades dos agentes da Sociedade Bíblica Americana, sob a direção do Rev. Andrés M. Milne e seu fiel coadjutor (F.G. Penzotti). Muitos dos colportores eram também predicadores e exortadores da Igreja Metodista Episcopal, a cujo trabalho se deve a formação de grupos de crentes em diversos lugares”. Grande e intenso foi o trabalho desdobrado por meio de cruzadas através de todo o continente. Pregou-se o Evangelho em muitas partes, tendo ficado, de tudo isso, como saldo efetivo da intensa administração do doutor Wood, as seguintes obras que ainda perduram: estabelecimento do Evangelho no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, Paraná, Rosario del Tala, Asunción del Paraguai, etc. Fundaram-se escolas.

Da “Antioquia do Prata”, nesse mesmo período, saíram Milne e Penzotti para suas longas viagens de colportagem.

Sem jactância, pois, podia dizer o *El Evangelista* de 12 de junho de 1886:

“A igreja de Montevideo foi grandemente abençoada em seus pedidos ao Senhor da seara, fazendo-lhe doação de obreiros fiéis e aptos para a obra. Do seio da igreja há vários, entre eles o evangelista Penzotti, que, com Milne, García, Pino y

Geymonat levaram a luz do Evangelho onde as trevas reinavam por completo: Penzotti, que se encontra no dia de hoje junto com o Rev. Milne, no coração, podemos dizer, da idolatria (Bolívia), pregando o Evangelho de paz em meio aos maiores perigos. Do seio da igreja de Montevideo saiu também o senhor João C.Corrêa para estabelecer uma obra no Brasil, numa cidade onde a superstição, o fanatismo e a imoralidade unicamente reinavam, e graças a Deus pôde colocar a primeira pedra fundamental do grande edifício da regeneração social.

E do seio da mesma igreja saiu o obreiro... que segue a um país relativamente novo para pregar uma doutrina poucas vezes ouvida ali, que contraria os costumes e os hábitos de seus habitantes, e levanta, no alto, o pavilhão do Evangelho entre gente que jamais o conheceu”.

Esse país é o Paraguai. E o artigo, do qual tiramos os parágrafos acima transcritos, foi escrito a propósito de firmar-se a resolução da “última Conferência Anual de Buenos Aires, para organizar uma obra de evangelização permanente” na cidade de Asunción.

O período que nos ocupa era, para a igreja de Montevideo, período de duras lutas. Tinha de defender-se de um clero belicoso que não somente atacava com palavras, pois que havia organizado uma ação de fato contra *El Evangelista*, um complô que o jornal *L'Italia Nuova* descobriu e denunciou. Também tinha de fazer frente, em outro nível, aos ataques de agnósticos e céticos que se entrincheiraram nas cátedras das Escolas Superiores de Medicina e de Direito. Este ceticismo religioso dos intelectuais latino-americanos é o fruto normal da obsessão clerical da Igreja romanista.

Neste aspecto da lide, ao doutor Guillermo Tallon coube tomar parte, e o fez “com o nível que lhe era característico, em discussões públicas na Universidade, demonstrando aos incrédulos que a Bíblia e a ciência não estão em pugna”.

Em tal clima espiritual, decidido, valente, arriscado e, sobretudo, consciente, não é estranho que o espírito dos crentes se moderasse e que se sentissem capazes de acometer grandes empreendimentos.

## Capítulo VI

### RUMO A PORTO ALEGRE

“Dize ao povo de Israel que marche”.  
Êxodo 14:15.

Da “Antioquia do Prata” saíram, pois, durante a Superintendência do doutor Wood (1878-1886), e pela primeira vez, evangelistas para Entre Ríos, na Argentina (em 1883 se estabelece uma colônia valdense em Rosario del Tala, desde o início sob a égide espiritual da Igreja Metodista); para a Bolívia, Peru e Chile (Penzotti y Milne); para o Paraguai e também para o Rio Grande do Sul.

Em maio de 1885, fica decidido o estabelecimento permanente da obra evangélica no Estado do Rio Grande do Sul, cujo circuito teria como “centro de operações” a cidade de Porto Alegre, onde o pastor Corrêa, nomeado pelo doutor Wood, devia mudar-se, com “a brevidade possível e com sua família”, para iniciar, de imediato, a obra e prossegui-la “sob o sistema que é de praxe nesta Missão”.

Carmen Chacon, que ocupava o lugar de uma verdadeira filha no seio da família Corrêa, vai também com uma designação oficial, da qual nos informa o próprio Corrêa, ainda que não nos dê seu nome: “Junto com nós vinha uma jovem professora adjunta que fora dispensada de uma das escolas evangélicas de Montevideo e designada para assumir o cargo de instrução da juventude, que era o preliminar de nossa obra”.

Oriundo do Rio Grande do Sul, encontramos João C. Corrêa vinculado à congregação da Rua Treinta y Tres desde o ano de 1878, em que é nomeado pregador local juntamente com Antonio Güelfi. É claro que, já antes, estava vinculado a essa irmandade, que se organizou oficialmente em igreja abrindo seu registro de membros em 1º de janeiro de 1878. Como vimos, em 1877 iniciara a obra em San Ramón, como evangelista itinerante. Somente em 1888 é admitido à prova, como ministro itinerante, juntamente com Jorge G. Froggat, Francisco J. de Lemos e outros.

Mas Corrêa, muito antes disso, conquistara méritos como obreiro consagrado. Do pouco que sobre ele nos chegou, torna-se evidente sua entusiasta consagração, seu labor fecundo, sua intuição para conhecer as almas e ajudá-las a se dedicarem ao serviço do Senhor, seu incansável espírito missionário... Através dos poucos dados, corroborados pelos frutos conhecidos, vemos perfilar-se nítida e energicamente sua personalidade dinâmica, otimista, arriscada e decidida para a causa do Senhor.

Isto se reflete em sua monografia *História de Nossa Igreja no Estado do Rio Grande do Sul*, em que achamos a primeira menção sobre nossa heroína.

Seu lema, que define sua vida, é: “*Dize ao povo de Israel que marche*”. E, na introdução ao seu esboço histórico, pontualiza o fracasso dos inimigos do cristianismo e a certeza de que a causa de Cristo triunfará. Em que pese os ataques de todos os setores — clericais, ateus, céticos —, “a religião cristã continuou sua marcha ascendente”, enquanto seus adversários fracassaram em suas tentativas.

Há razões para que seja otimista, já que, “mesmo os países que em outros tempos se mostravam resistentes, hoje abrem seus corações... A

imprensa evangélica registra diariamente fatos provando a evidência e o aumento crescente da religião cristã no mundo... e mesmo no coração do clericalismo, na própria Itália, sede do pontífice romano”, onde ganha terreno a causa evangélica.

E assim pode assinalar os progressos do Evangelho também “aqui, em nosso querido Brasil, e em todas as repúblicas do continente sul-americano”... “Quanto mais se enfureçam contra ele (os clericais), tanto melhor, mais adiantará”. E, “para que não se forjem ilusões”, dispõe-se a descrever, brevemente, a história do metodismo nesse Estado. “O metodismo, como uma das ramificações do cristianismo, tem, em si, o poder mágico e surpreendente de conquistar almas para Cristo...”. Porque “um convertido metodista, seja qual for o grau de sua instrução intelectual e sua posição social, se constitui de per si, espontaneamente, num entusiasta pregador do Evangelho”.

É a Metodista “a única Igreja que por sua política agressiva, por suas doutrinas disciplinares, pela simplicidade de seu culto e por sua liberalidade está destinada a conquistar o mundo”. Esta força agressiva, “que há muitos anos tem suas missões estabelecidas na América do Sul”, é a que plantou suas verdades no Estado do Rio Grande do Sul...

Assim revela seu entusiasmo pela causa e pela Igreja em que serve a seu Senhor.

E em seguida nos fala de “*um pregador* da Igreja Metodista de Montevideo”, nascido no Estado do Rio Grande do Sul, que, de abril a dezembro de 1875, percorreu este Estado às suas expensas, em viagem de reconhecimento, visitando com exemplares das Sagradas Escrituras quase todas as cidades, vilas e aldeias, iniciando reuniões para a instrução do Evangelho...”, deixando “abundantíssimo terreno preparado e semeado, esperando o tempo oportuno para a sega”, retirando-se depois de dez meses de trabalho “levando gratas recordações”...

Pelo que podemos deduzir, esse *pregador* não era outro que o próprio Corrêa. Vê-se que, pela humildade, abstinha-se de dar nomes.

Em 1877, procedente do Norte, visita essa mesma região o Rev. J.J. Ransom. Viaja distribuindo a Bíblia e, gratamente impressionado pelo ambiente propício para o Evangelho, sabendo que outro obreiro ali esteve dois anos antes, procura as informações correspondentes sobre o mesmo. Obtidas estas, baixa a Montevideo, onde relata ao doutor Wood, de quem é hóspede, quão propício era o campo nesse Estado para estabelecer uma Missão.

As visitas de reconhecimento e estudo se sucedem e, anos mais tarde, o Rev. Ransom, missionário da Igreja Metodista do Sul, põe-se de acordo com Corrêa e, em 1880, ambos partem para Rio Grande, onde encontram o Rev. Emmanuel Vanorden, que há algumas semanas havia estabelecido uma obra evangélica independente.

Tendo Ransom de regressar urgentemente ao Rio de Janeiro, Corrêa prossegue sozinho a obra durante seis meses. Suas mensagens ilustradas com a lanterna mágica produzem bom efeito. Aqui, à diferença do que acontece nos estados do Norte do Brasil, “o espírito do filho da terra gaúcha” é tolerante e liberal, podendo “manifestar e divulgar suas idéias e convicções religiosas sem ser desviado minimamente”. Aqui nunca se deu, por exemplo, o vergonhoso caso de Pernambuco, onde, oito meses atrás, numa de suas praças públicas, realizou-se um auto-de-fé para queimar bíblias. Tampouco se deram casos “de ferir, apedrejar ou matar colportores ou pastores e outros

escândalos promovidos pelos sectários de Roma a fim de coartar a liberdade de consciência dos cidadãos”.

Ao contrário, o Evangelho penetra aqui “simultânea e metodicamente nos lares, e o homem, a mulher e a criança, essa trindade humana, sabem que não é uma mentira o Cristo”, a verdade cujo Evangelho tem “o poder de derrubar altares de ídolos e arrancar pela raiz velhos preconceitos e instituições caducas”, plantando, em seu lugar, “a justificação pela fé, na qual estamos firmes e nos gloriamos na esperança da glória de Deus (Romanos 5: 1,2)”.

É assim que Corrêa, em seu segundo informe, insiste na “urgente necessidade de estabelecer a obra neste Estado, onde o espírito do povo era liberal, cansado já dos embustes do romanismo e ávido pelas verdades do Evangelho”.

Mas ainda não chegou a hora. Em 1883 deve realizar uma viagem de evangelização, subindo o rio Uruguai, pelas margens do mesmo rio.

Chegam pela segunda vez a Uruguiana, onde celebram excelentes reuniões num velho teatro, ex-capela do Espírito Santo<sup>2</sup>. Passam a Itaqui e São Borja, e daí seguem o seguinte itinerário: São Francisco, São Vicente e Santa Maria, onde permanecem uma semana. O Evangelho é escutado com interesse, recolhendo comovedores testemunhos. De Santa Maria, fazendo escalas, chegam a Porto Alegre, onde estiveram dois anos antes.

Mas deve seguir viagem até o Prata.

Sua pressa em chegar não é para descanso, mas para acompanhar o Rev. Milne numa longa viagem de meses, pregando o Evangelho pela Argentina e o Paraguai até o Estado de Mato Grosso, no Brasil. A viagem, depois de alguns meses, é interrompida porque Milne adoece e precisa abandonar o empreendimento.

Estava neste trabalho quando recebeu uma mensagem do doutor Wood, datada de 21 de março de 1885, indicando sua nomeação para estabelecer a obra em Porto Alegre.

---

<sup>2</sup> Corrêa e Milne

## Capítulo VII

### VISÃO ESPIRITUAL E SOCIAL DO RIO GRANDE

*“Vastos horizontes diante de nossos olhos”.*

João C. Corrêa

Quando Corrêa soube que havia sido nomeado para ocupar “o cargo do Circuito do Estado do Rio Grande do Sul” — como reza a carta do Superintendente Dr. Tomas B. Wood —, preparou tudo rapidamente “e em poucos dias estávamos em nosso campo de operações, onde *tínhamos um vasto horizonte diante de nossos olhos* que sorria prazenteiro, anunciando um tempo benigno para ótima colheita”.

Tal é o seu regozijo. Era o campo que anelava. Conhecia o espírito do povo e, como vimos, esperava muito do “surpreendente... espírito do filho da terra gaúcha”, que contrasta com o fanatismo dos Estados nortistas.

A exata apreciação de Corrêa tem uma explicação.

Geográfica, etnográfica e economicamente, o Estado do Rio Grande do Sul está mais identificado com a Argentina e o Uruguai do que com o resto de seu próprio país.

O rio Uruguai, quando sua extensão cabe ao governo argentino de Misiones, muda repentinamente de direção, dirigindo-se para o Sul — primeiro, com suave inclinação até o Oeste, formando um arco até chegar aos limites das províncias de Corrientes e Entre Ríos —, e então, em linha reta, até desembocar no estuário do Prata, cinge, com seu curso superior mudado, em forma de arco, deste ao Oeste, ao Estado do Rio Grande, estreitando-o a República do Uruguai.

Seus rios formam parte do sistema hidrográfico do Uruguai, e as coxilhas deste país, igualmente às de Entre Ríos, Argentina, não são mais do que a prolongação do planalto rio-grandense, que se eleva a mais de 700 metros altura.

Não só se identifica com os Estados vizinhos por ser a região pecuarista por excelência do Brasil, mas também sua fauna e flora lhe dão uma fisionomia mais em harmonia com as ditas nações, que limitam o Estado ao Sul e a Oeste, do que com seu próprio país. Está, igualmente, dentro da zona de influência do “minuano” (vento pampeiro) que, procedente das planícies argentinas, do Sudoeste, torna-se aqui perigoso, mantendo-se em atividade vários dias, quando chega.

Esta especialíssima posição do Rio Grande favorece o desenvolvimento do espírito bairrista e a declarada independência de seu caráter. A guerra do movimento republicano, de 1835, chamada *Guerra dos Farrapos*, estourou em Porto Alegre, sendo por algum tempo donos da situação. Os princípios da independência amudaram nessa região.

Nos dias de nosso relato já existia, geograficamente favorecida, a estreita relação comercial que hoje mantém com a Argentina e o Uruguai, cujas capitais, Buenos Aires e Montevideo, são grandes consumidoras de seus produtos, tais como arroz, erva-mate, mandioca, etc. — relação favorecida pela combinação das linhas ferroviárias dos três países e agora intensificada com a ponte internacional que une a região do Rio Grande com Corrientes.

Histórica e militarmente, a relação do Estado do Rio Grande com as províncias limítrofes dos países vizinhos é rica em incidentes. Os mamelucos deram muito trabalho aos jesuítas que estabeleceram suas Missões no hoje Governo de Misiones, pois faziam incursões para caçar índios e vendê-los ou reduzi-los à escravidão. Os conflitos por questões de jurisdição eram numerosos — sem contar o esforço que o Brasil fez para estender suas fronteiras até a margem oriental do rio da Prata.

A *Guerra Guaranítica* de 1753-1756 tem sua origem na resistência dos índios de passar ao domínio de Portugal, de acordo com o tratado de paz de 1750. Os índios afixam sua resistência no princípio de que “não possuíam mais que sua liberdade, proveniente de Deus, bem como suas terras e somente Ele podia tirá-las”.

Este sentimento de liberdade e independência, que já se manifesta com poder nos índios, é o que há de caracterizar o espírito do crioulo, sobretudo ali onde o crioulo gera o gaúcho.

O gaúcho é possível no lugar em que há contato com amplas zonas livres, planícies dilatadas, onde a criação de gado é a principal ocupação. E nesse sentido, a analogia étnico-social entre o Rio Grande, o Uruguai e as províncias argentinas de Corrientes e Entre Ríos é muito concludente.

Segundo alguns historiadores e folcloristas, o discutido nome *gaúcho* procederia, originalmente, do Rio Grande. Azara, Lastarria e outros o derivam de “gaudério” ou “camilucho”<sup>3</sup>, pessoas que teriam entrado misturadas, vagabundeando pela Banda Oriental, Entre Ríos, Misiones... Martiniano Leguizamón, que é uma autoridade nessas questões, diz que os citados teriam introduzido vocábulos como *gaúcho* e *facão*, tão comuns na fala crioula.

Mencionamos tais opiniões para demonstrar quão ampla e intensa foi e é a relação do Rio Grande com seus países limítrofes, porque isso explica como o Rio Grande foi evangelizado pela Igreja Metodista de Montevideo e não pela do Rio de Janeiro.

Assim é como Corrêa partiu três vezes do Uruguai para abrir picadas na intrincada mata a fim de levar a luz do Evangelho até estabelecer a obra definitiva.

---

<sup>3</sup> Entende-se por *camilucho* o índio do campo, o peão, aquele que recebe por cada dia de trabalho executado. [Nota do Tradutor]

## Capítulo VIII

### JOGANDO O CIMENTO

No mesmo mês de sua nomeação, março de 1885, o pastor João C. Corrêa chega a Porto Alegre com toda sua família: sua esposa, Maria Rejos de Corrêa, sua filha Ponciana e Carmen Chacon, sua filha adotiva.

O doutor Wood deliberou a fundação da obra no Rio Grande determinando, com muita visão, que Porto Alegre fosse “o centro das operações”. Seus executores foram o pastor Corrêa, na obra de evangelização, bom conhecedor do ambiente, e Carmen Chacon, juvenzinha de dezesseis anos que devia realizar a obra educativa.

Os trabalhos iniciais consumiram vários meses de preparação.

Interessante seria, para nós, conhecer a condição social, espiritual, moral, econômica e cultural da Porto Alegre de então, para assim poder apreciar o trabalho e medir as dificuldades e alentos com que contaram os iniciadores da obra. Eles foram excessivamente parcios em informes dessa natureza. A notícia do *El Evangelista*, que transcrevemos no capítulo V, diz que Porto Alegre era “uma cidade onde a superstição, o fanatismo e a imoralidade unicamente reinavam”. Isto já é muito, mas são generalidades. Não dizia muito mais sua nota de despedida, edição de 28 de março de 1885, ao anunciar a partida de Corrêa, na terça-feira anterior, a Porto Alegre.

Porto Alegre se levanta sobre uma proeminência do terreno à margem esquerda do rio Guaíba, que é alimentado pelos rios Jacuí e Camaquã, ambos navegáveis. Várias ilhas que estão de frente à cidade formam um excelente e protegido porto, freqüentado por embarcações que a põe em contato com todos os portos do Norte do Brasil.

Esta cidade bem merece seu nome de Alegre porque se ergue sobre um fundo de verdes montanhas, até as quais estende suas populações suburbanas, ocupando uma situação topográfica privilegiada das mais belas que se possam dar. Hoje é uma cidade moderníssima, de intensa vida intelectual e que centraliza o comércio de cereais e gado com todos os seus derivados, e conta com grandes indústrias, principalmente têxteis.

Foi fundada em 1742 pelos habitantes de Viamão, que lhe deram o nome de Porto dos Casais, o qual foi mudado em 1773 pelo atual, Porto Alegre. Nesse ano é transferida daqui, de Viamão, a capital do Estado. Em Viamão, a capital havia sido estabelecida em 1763 devido aos ataques dos espanhóis. Em 1808 é elevada à categoria de vila, e à de cidade em 14 de novembro de 1822.

Em 1885, Porto Alegre era já uma cidade de certa importância, com ar de aristocrática, com muitos problemas mas também com inquietudes e grandes possibilidades.

Nossos heróis impulsionaram a obra. Quão grande não terá sido seu gozo quando, ao fim de tantos meses, puderam ler em letra de imprensa o seguinte anúncio enviado ao jornal *Comércio*:

COLÉGIO EVANGÉLICO Nº1

“Comunicamos ao público que no dia 19 do corrente mês de outubro de 1885, às 8 horas, abriremos este estabelecimento que admitirá os alunos que nos sejam confiados etc.”.

E sob a sábia direção da jovem professora de 16 anos se iniciaram as aulas, do curso escolar, com três alunos inscritos.

Terminaram com 8 alunos. Pouco, muito pouco, mas alentador. Quer dizer que a obra não era infrutífera, e que iria além. Em janeiro de 1886 se reabririam as classes. Com que ansiosa expectativa não terão esperado as primeiras crianças! Somente 12 inscritos! Isto segue devagar. Mas não há que esmorecer: adiante e dedicadamente, foram cem. Cem? Disse cem? Que otimismo! Mas eis que chega o mês de maio e já passam dos cento e poucos, e firme e positivamente o número vai aumentando... “quando terminou o ano escolar, 187 crianças de ambos os sexos prestaram o exame das matérias do programa de ensino”!

Não satisfeitos com esta tarefa, a duplicam, fundando, em 1º de maio, um curso noturno gratuito para mulheres, que alcançou 84 matrículas. Total: dez horas de trabalho entre os dois cursos! O *El Evangelista*, que toma esta notícia do jornal *O Mercantil* de Porto Alegre, diz-nos que o referido jornal “se expressa em termos favoráveis à obra que segue o Rev. Corrêa, que acolhe as mais encantadoras esperanças para o futuro”.

A tarefa que pesava sobre a jovem professora era grande: além de cumprir o programa oficial, ensinava cânticos religiosos, Novo Testamento...

O exaustivo trabalho era recompensado com o aumento constante de novos alunos, que rapidamente obrigou a alugar outra casa e arrumar quatro professores.

A simpatia do povo estava firme e decididamente com eles.

O florescimento do estabelecimento provocou alarme no clero, que não poupou calúnias para divorciar seus dirigentes do benefício popular, até fazer chegar aos ouvidos do doutor Jaime Couto — Diretor de Instrução Pública —, a notícia caluniosa de que tal estabelecimento era um foco de imoralidade, onde se inculcava nas crianças doutrinas subversivas, contrárias à Constituição, unicamente com o propósito de destruir a moral e os bons costumes.

Isto motivou a nomeação de uma comissão de investigação, cujo parecer foi tão favorável que até recomendou o uso de alguns dos utensílios de ensino do Colégio Evangélico. Qual não seria a surpresa das autoridades do mesmo ao ver chegar, um dia, um carpinteiro para observar os ditos utensílios a fim de fabricar iguais para as escolas públicas do governo!

Rapidamente o número de escolas chegou a quatro com mais de quatrocentos alunos matriculados. Número admirável quando se tem presente que a maior inscrição nos demais colégios da cidade alcançara a 284 matriculados.

O propósito do pastor Corrêa era, em primeiro lugar, estender a obra educacional a fim de contar com o apoio dos alunos e seus pais quando iniciassem publicamente a obra de evangelização.

Por certo que não se descuidou da obra espiritual, sem contar a que Carmen Chacon fazia entre seus alunos.

Já em 27 de setembro de 1885 se estabelecera a primeira classe metodista, com seis membros, fundada com toda a formalidade. O trabalho

andava lentamente na cidade, enquanto se estendia e se afirmava nas colônias vizinhas.

Nesse mesmo ano, 1885, inaugurou-se a Escola Dominical com uma assistência que oscilava entre 20 a 30 alunos.

Mas ao ensino público dava-se mais atenção, merecendo, sua professora e o trabalho do colégio, o elogio sincero de quantos chegaram a conhecer o estabelecimento. Diz um cronista do *Correio Mercantil*: “O método que se segue no colégio é o norte-americano, executado com perícia pela inteligente professora Carmen Chacon, que é a alma daquele estabelecimento de ensino. Com notável veneração para o magistério, imprimiu ela no ânimo dos seus discípulos os próprios sentimentos de modéstia, cordura e bondade que fazem dela uma boa educadora. Nos causou agradável surpresa e impressão o adiantamento das crianças, quase todas menores de 10 anos”.

Eis aí um juízo elevado e valioso por imparcial.

## Capítulo IX

### “LUZ QUE ARDIA E RESPLANDECIA”

...Diariamente admirando aquele gênio cheio de fertilidade.

João C.Corrêa

Há vários modos de arder.

Quando Jesus testemunhou por João Batista, que pagara seu tributo à verdade inicialmente com o cárcere, e com sua cabeça brutalmente cortada depois — “Ele era luz que ardia e resplandecia” —, não fazia literatura pela literatura mesma. Jesus não era amante de construir frases harmoniosas pelo simples gosto de reproduzi-las ao seu ritmo. São luminosas e claras suas palavras porque ele era o poeta, o criador que oferecia a palavra, a frase exata que expressava completamente seu sentimento com relação às coisas, aos seres e às emoções.

Criava a expressão correspondente a cada idéia e sentimento seu. E sua mensagem é singela, simples, sem complicações superficiais, como tudo criado.

Essa vida jovem, cheia de promessas, que alentava e fazia alentar grandes esperanças, essa vida que na plenitude de sua juventude, de sua força toda, se oferecera sem medida nem regateio à pregação da verdade eterna, ao chamado para o arrependimento, ao anúncio de dias melhores... A vida de João Batista ardeu em luminosa e arrebatadora labareda...

Modos diversos de arder! Arde o ácido corrosivo utilizado para consumir ou dissolver metais e minerais.

A ferrugem é um arder do ferro, cujo arder consome-se sem brilhar, num desgaste inútil, horrível...

Nem sempre iluminam as coisas que ardem, que se consomem.

E o grande segredo da vida é saber enobrecê-la ao ponto em que se consoma, sim, porém transformada em luz que brilhe para quantos lhe rodeiam.

Para Jesus, João foi isto: uma vida que ardeu e consumiu-se, mas brilhando ao ponto que quantos lhe conheceram se recriaram em sua luz!

E não pudemos ler e reler os breves testemunhos que nos chegaram de Carmen Chacon sem pensar nessas coisas. Não pudemos passar e repassar a sucinta enumeração de seu trabalho sem sobressaltar-nos de admiração, e “sentir” em nós mesmos o peso de tão grande responsabilidade que assumiu essa jovencinha, menina ainda, de seus quatorze aos vinte anos.

Era seu ideal imitar seu Mestre na abnegação e no esforço e, esquecida de si mesma, consagrou-se com carinhosa unção à educação da infância. Não podia ter escolhido tarefa que desenvolvesse seu espírito e sentimento com mais afinidade ao de Jesus!

Ensinar era sua arte, sua missão, e não um meio para ganhar dinheiro.

Por isso não poupou esforços nem se intimidou diante de nenhuma dificuldade. Tropeçou, primeiro, na dificuldade do idioma; porém, logo dominou-o completamente. As crianças que lhe confiaram no início eram bastante crescidas, pois, como na maioria das vezes em casos semelhantes, enviam-se às escolas particulares aquelas crianças que não se adaptam, por diversas

razões, ao regime das escolas públicas regulares. E ela, ainda quando possuísse um corpo maciço e bem desenvolvido, não era muito mais do que uma menina que estava se convertendo em mulher.

Deu-se conta de que devia impor-se e soube fazê-lo sem violentar nem seu caráter nem suas convicções íntimas. Conseguiu harmonizar a energia com a bondade e a disciplina com o carinho, conquistando depressa o respeito e a admiração de seus alunos.

Perseguições e calúnias não faltaram, mas seguiu adiante animada por seu amor à obra e sua vontade de cooperar na fundação da Igreja Metodista nessa cidade brasileira. O clero católico iniciou uma tenaz perseguição contra os “intrusos metodistas” explorando, além disso, o fato de que os ditos hereges vinham de um país cujas relações com o Brasil distavam de ser cordiais.

Pela grande paixão com que Carmen Chacon assumiu sua responsabilidade frente à obra e o notável trabalho desdobrado com eficiência e frutos, o Superintendente da Missão, doutor Tomas Wood, escreveu-lhe as seguintes comovidas e alentadoras linhas:

“Ao designar a ida de você a Porto Alegre, a senhora encheu todas as minhas esperanças, todas, e principalmente tenho de admirar a paciência e a abnegação com que trabalhou dia e noite sem querer nem buscar a recompensa material, a não ser o galardão espiritual. Desejo que se prepare cada vez mais para seguir cumprindo quantos deveres a Providência lhe destine, aproveitando todas as oportunidades para o bem e prossequindo quantas aspirações sublimes Deus ponha em seu espírito.

(...) Dou graças a Deus pelos dons que Sua graça lhe concedeu, especialmente na docilidade, prudência e lealdade ao dever e gosto ao trabalho. Estas qualidades valem mais que o gênio brilhante, porque sobretudo aí está este dom enorme do amor a Deus, transformando todos os seres de acordo com a bendita vontade Dele. Grandes são as provas e maiores as bênçãos dos que acolhem esse amor.”

Se o excesso de trabalho não quebrantou a vontade nem aminguou o espírito desses consagrados obreiros, terminou por prejudicar sua saúde.

Achando-se a obra em pleno desenvolvimento, há dois anos estabelecida, em plena luta, Corrêa adoeceu gravemente. Isto trouxe sérias complicações ao funcionamento dos estabelecimentos de ensino. Carmen tomou a si toda a responsabilidade da direção dos colégios, ajudada por Ponciana, a filha de seu protetor. Mas a enfermidade de Corrêa foi longa; teve de permanecer vinte dois meses na cama.

Aí começou a luta desesperada, trágica, da jovem professora.

No ardor do trabalho, ímprobo, exaustivo, não sentiu o início do terrível mal que corroia seus pulmões, desnutria seu corpo e maltratava, espremendo-a sem piedade na flor de seus dezoito anos. Seus olhos escuros, inteligentes, brilhavam sempre com a mesma intensidade, sorridentes e esperançados frente ao futuro, porém num rosto murcho, de pele muito clara, longe já da beleza cativante de poucos meses atrás!

Não cedeu às insistências de que necessitava um descanso. Tinha um altíssimo sentido da sua responsabilidade, principalmente nesses momentos

em que seu protetor e pai adotivo, o senhor Corrêa, o Diretor responsável pelo estabelecimento, estava prostrado na cama.

Mas os vinte dois meses de cama de Corrêa eram demasiado longos para esperar seu fim, e a terrível doença abateu a vontade da mestra, especialmente quando soube, decepcionada, que com semelhante enfermidade não podia seguir atendendo às suas crianças...

Uma de suas maiores e íntimas aspirações era levar toda a sua família a Porto Alegre, mas foi ela quem teve de seguir o caminho de retorno à sua pátria em busca de cura para sua grave doença. Dali sua mãe leva-a a examinar em Buenos Aires, porém, já esgotados todos os meios e a esperança de cura, regressa ao Uruguai com o tempo suficiente para fechar os olhos sob o céu de sua pátria.

Dez meses durou a terrível enfermidade que, em plena primavera de sua vida, caiu sobre ela quando se abria sua inteligência e ação num brilhante futuro. Mas não pronunciou uma queixa. Foi o seu um fim digno de vida, que viveu em constante luta, sem esmorecimento, sem que contrariedade alguma debilitasse jamais seus propósitos.

Lamentamos que vidas assim não encaneçam junto com as jovens gerações que educam. Seria isto melhor do que vidas como a de Carmen Chacon, que ardem rapidamente transformadas em luz brilhante, cujos reflexos perduram inspiradores através de gerações?

Muito contam no enobrecimento do espírito, embora sejam poucos em números, aqueles que, como Carmen Chacon, consomem-se num resplandecer benfeitor que guia as almas perdidas, indecisas, débeis ou pusilânimes pelos rumos do bem e da verdade.

Graças ao Senhor há muitas Carmens Chacons, quiçá como ela esquecidas e nem sempre recuperadas pela humanidade, para que os homens lhes dêem um consciente tributo de gratidão. E sua obra não se perde. A semente moral e espiritual jogada no sulco da mente e no coração sempre frutificará, pouco importa o tempo que demore ou o lugar em que floresça.

São tesouros que se preservam incólumes aos agentes destrutivos. Se o trigo das tumbas egípcias germinou ao cabo de cinco mil ou mais anos, como não há de frutificar no espírito da humanidade o consagrado trabalho das Carmens Chacons?

## Capítulo X

### UM IDÍLIO TRUNCADO

“...Cérebro luminoso cujos resplendores, puros como as auroras boreais, se refletem na alma da infância...”.

João C. Corrêa

Carmen era uma mulher sociável e atraente.

Sua juventude era robustecida por sua beleza e caráter. Seus pequenos olhos azeviches brilhavam intensamente no seu branco rosto, ornado de abundante cabeleira enegrecida. Vestia com simplicidade mas com gosto, e sua pequena estatura era realçada pelas linhas de seu corpo e seu longo vestido que lhe chegava aos tornozelos.

Havia certa esbelteza em seu porte. Sempre muito delicada, mas cheia de vida e entusiasmo, refletia sua natural e transbordante alegria sem problema algum. A verdadeira e profunda religião está muito longe da apaniguada pantomimice!

Como gostava do canto! Sempre se via ela, com Ponciana e outras meninas da escola, sentada num dos bancos do pátio, cantando os alegres hinos evangélicos, canções pátrias e romances populares.

Nas eventuais reuniões sociais que os esposos Corrêa organizavam em seu lar, ela era a alma das mesmas. A todos atendia com a mesma graça, solicitude e deferência, sem jamais ter dado motivo a que se suspeitasse inclinação especial para algum dos jovens que a distinguiam. Sem dúvida que, por ela, eram concorridas essas reuniões. Onde ela estava havia alegria. Porque sua satisfação era contagiosa.

Seu caráter firme, sua personalidade de feições definidas e enérgicas — realçadas pelo simpático sorriso que a florava em seus lábios e brilhava em seus olhos — e sua voz equilibrada a faziam atraente e responsável.

Nesta apreciação estão totalmente de acordo quantos a conheceram, inclusive seu protetor e inspirador, o pastor Corrêa, que corrobora tais testemunhos numa frase sóbria, como deve ser todo juízo paternal, e concludente: “Carmen era a felicidade de sua família [vivia com eles há anos] e a alegria de quantos a conheceram e trataram socialmente. Duas relevantes qualidades que a fizeram digna do apreço de todos”.

Também o confirma o próprio genro de Corrêa, o doutor J. Wollmer, o qual afirma que pode falar-nos da senhorita cristã, da filha adotiva e da amiga “porque vivi dois anos sob o mesmo teto, e me sentei à mesma mesa e compartilhei da vida íntima da família...”.

E é na vida íntima em que se revela, plenamente, o verdadeiro caráter das pessoas!

“Como filha adotiva, dirá mais tarde, era dócil, obediente e carinhosa; fazia tudo o que estava ao seu alcance para alegrar e auxiliar os que a educaram e encaminharam pela senda da luz do Evangelho. Como amiga era... de uma sinceridade extrema... e fazia amigos seus a quantos se lhe aproximavam... Estou certo de que muitas das boas amizades que se achegavam à família

Corrêa se deviam à forma cativante e tranqüila com que Carmen os recebia e tratava”.

É de estranhar que a tal mulher não lhe faltassem pretendentes? Os teve e, ao que os tivesse, ocasionou que se falasse de seus amores, de seu idílio trunco. O suposto protagonista deste pretendido parênteses romântico na vida de Carmen foi mais longe: fez circular uma história ridícula referente à intensa paixão de Carmen por ele, paixão que teria sido a causa de sua morte ao se oporem seus pais adotivos a seu enlace.

Uma pessoa veraz, que conhecia muito bem os sentimentos de Carmen, descartou tal história como uma calúnia, afirmando que a própria “Carmen, mais de uma vez, nos manifestou” sua falta de interesse em tais relações.

Que tal jovem se apaixonara por Carmen é verdade, e nada há de estanho. Porém, Carmen “não tinha tempo para o amor. Estava demasiado ocupada com o destino de seus colégios” — diz-nos outra pessoa que tem credenciais de bem informada.

Detenhamo-nos na análise do problema que nos apresenta esta história em seus prós e contras.

As disquisições psicológicas tendentes a interpretar o espírito dos protagonistas não são alheias ao biógrafo, antes são fundamentais para conhecer e apresentar nossos heróis mais humanamente.

Que Carmen tivesse pretendentes e correspondesse sinceramente a um deles, seria o mais natural. Semelhante aspecto de sua vida sentimental, longe de prejudicá-la em seu ideal e labor, revelaria nela a profundidade de seu sentimento, a harmonia de sua vida espiritual e psíquica, o equilíbrio entre sua inteligência e seus afetos.

Mas estava na idade mais generosa da vida, na qual é difícil para um jovem, cuja vida se desenvolve normalmente, valorá-lo apenas do ponto de vista egoísta, do interesse meramente pessoal. E quando um jovem pôde superar qualquer ameaça de egoísmo, e tem uma obra grande entre as mãos, e é consciente da grandeza e transcendência dessa obra, como acontecia com Carmen, está demasiado absorvido em tal tarefa para ter tempo, e mesmo a perspicácia, de distinguir outros afetos, por nobres que sejam.

Seu idílio, nesse momento, era a infância. Havia se desposado com a infância. Havia se entregado integralmente a ela, e a ela se sentia atraída como seu Mestre, que antes atendia às crianças — a quem, de fato e naturalmente, pertencia o Reino dos Céus — que aos muito sérios maiores, e aos austeros rabinos jerosolimitanos.

Por isso não aceitamos a afirmação de que “ela não tinha tempo para o amor”. Tinha-o, só que agora o dispunha todo às crianças.

Custa-nos aceitar, igualmente, por mais respeitável que seja o testemunho, por vir de quem vem, que Carmen sentisse “profundo desgosto” por seu pretendente, a quem “de modo algum o tolerava”. Tudo o que dela sabemos revela um temperamento tão generoso e compreensível que nos resulta ilógico, nela, um sentimento adverso a qualquer pessoa. Sua atitude teria obedecido, ao saber-se insistentemente solicitada, a uma reação instintiva na proteção de seu outro afeto, a infância, na qual concentrava toda a força de seu sentimento. O outro amor, que rechaçava nesses momentos, digno e puro como é obedecer ao instinto primário da perduração biológica do gênero humano, implica certo egoísmo que impede a entrega total a uma obra ideal.

Assim se retraía Carmen às atenções de seu pretendente, instintivamente prevenida contra qualquer afeto nobre que pudesse limitar sua amorosa e materna consagração à infância.

Não há dúvida de que estamos na presença de um temperamento místico, de uma alma supersensibilizada. Uma de suas últimas fotografias apresenta-nos ela um tanto idealizada, um tanto afastada da realidade. Não de toda a realidade: nunca esteve separada longe das crianças, do belo, do gozo puro, do humano; o esteve de certa realidade, como a que já discutimos, da do amor que vincula dois seres no matrimônio. Se por isso nada se pode repreender Carmen, tampouco é motivo de encômio.

Sua vida toda se refletiu na infância, como nos diz seu protetor, com “resplendores puros como as auroras boreais”. Carinho que esteve com ela durante sua breve vida, intensamente, pois, como instrutora da Escola Dominical anos atrás, “longe do bulício das festas, dedicava todos os seus cuidados à edificação do pequeno rebanho que tinha sob sua vigilância” e o fazia com amor, carinhosamente. E mesmo quando de sua terrível enfermidade, “lembrava-se deles e um sorriso angelical aparecia em seus lábios”.

Carmen Chacon teve um único amor: a humanidade. Amor que concentrou na melhor e mais promissora de suas manifestações: a infância. Foi a eterna desposada da infância, cujo idílio dividiu um alto chamado à eternidade, ou melhor, cujo idílio transformou-se, elevando-se em resplandecente labareda, a eternidade.

## Capítulo XI

### “O MUNDO ERA PEQUENO PARA CONTER UMA ALMA TÃO PRECIOSA”

Non vive ei forse anche soterra, quando  
gli sarà muta l'armonia del giorno  
se può destarla con soavi cure  
nella mente de' soui?...

.....  
Sol chi non lascia eredità d'affetti  
poca gioia ha dell'urna...

.....  
Ugo Foscolo, “Dei Sepolcri”

Era esplendoroso o céu madrugador desse domingo de primavera, dia 18 de novembro de 1889. Era como alguém espera que deva ser um dia de domingo na primavera. Mais dourado, mais cálido, mais azul, mais verde, melhor, mais nobre do que qualquer outro dia.

Nessa mesma manhã, em Porto Alegre, como em todos os domingos, se reuniam as crianças da Escola Dominical metodista. Com elas estava presente a lembrança da jovem professora que há alguns meses fora para o Sul, buscando restabelecer sua saúde; sim, estava com elas, em espírito, sua organizadora e orientadora Carmen Chacon.

Entoaram os hinos prediletos que ela lhes ensinara a cantar, leram as habituais leituras bíblicas, escutaram a lição religiosa, souberam algo da saúde da professora Carmen... Depois se dispersaram em grupos alegres e buliçosos sob o sol domingueiro...

Enquanto essas crianças das escolas metodistas ouviam uma vez mais os ensinamentos do Mestre da Galiléia, referentes a um Deus que era um Pai de amor para com todas as criaturas, sem distinção de cor, raça ou posição social, no Rio de Janeiro, capital de sua pátria, vinham se desenrolando acontecimentos transcendentais. Mas elas estavam alheias a tudo. Viviam muito longe, em uma região privilegiada, por demais sossegadas e ditosas para serem perturbadas por notícias graves.

Em 15 de novembro, no Rio de Janeiro, as tropas e o povo se agitavam outra vez, enchendo de surpresa e apreensão os rostos. O Brasil tremia, e tremia porque agora não se tratava de mais um levantamento militar: não se tratava de uma ousada ocupação. Eram sintomas de fatos transcendentais: o Império brasileiro agonizava, morria pouco a pouco, e abria espaço, por fim, à almejada República, advento pelo qual tanto sangue generoso se havia derramado.

Porém, outro acontecimento mais íntimo tinha vez nesse dia; acontecimento que para as crianças das Escolas Dominicais metodistas de Porto Alegre importava mais, muito mais, porquanto tinha a ver com seus mais sensíveis sentimentos.

Num quarto mal mobiliado do Hotel Bordeus, de Montevideo, Carmen Chacon jazia estendida numa incômoda cama, pálida, muito magra e com grandes, profundas e negras olheiras que entristeciam o habitual brilho de seus olhos. Sua respiração estava cada vez mais ofegante, fatigosa. Havia voltado de Buenos Aires onde fora, com sua mãe e seu irmão Luis, em busca de adequada assistência médica para sua quebrantada saúde.

— Tarde, muito tarde — era o fatídico refrão que ouviam de todos os especialistas que a avaliavam.

— Demasiado tarde, deveriam tê-la trazido um ano atrás... A tuberculose está em seu último estágio.

— Tarde, demasiado tarde!...

— Se é boa, se fazia uma obra tão grande e tão nobre, por que Deus não a cura? Por que a deixa morrer? É justo, Deus? É um Pai misericordioso, Deus?

Seu olhar fixo na luz que banha a manhã desse domingo de primavera vai apagando lentamente, se torna inexpressivo, vidrado...

— Por que Deus não a salva, não a nos devolve, se ela fez tanto por Ele?

— “O mundo é muito pequeno para conter uma alma tão preciosa, e Deus, que é justo apreciador de tudo quanto é santo e bom, chama-a ao seu lado”.

Todo o imenso, inconcebível trabalho realizado durante os últimos cinco anos, mantido ativo por seu espírito voluntário e abnegado, tudo, com seu peso fantástico, incide de imediato em seu corpo enfraquecido e, qual enorme força que cai verticalmente sobre um plano horizontal, o quebranta, e sua alma se liberta...

Parte sem um lamento. Sublime até na hora da morte, como acontece aos justos e bons, esforça-se para desenhar em seus lábios exaustos, transparentes, um sorriso derradeiro para os seus.

Sente-se no brilho apagado de seus olhos a ânsia que aninha em seu coração voluntarioso:

— Fica tanto por fazer ainda!... Mas, seja feita Sua vontade...

Já não é mais que espírito. Que bela fica assim! Que translúcida está sua branca e fria pele! Como brilham seus escurecidos cabelos!

“Se o grão de trigo não morrer, não pode dar fruto”.

Que palavra de consolo podemos oferecer ao coração de uma mãe cristã que sabe aceitar com inteireza golpe tão duro?

Foi-se suavemente, como uma chama que se apaga por falta de combustível. Continuou como adormecida!

— “Morreu para a vida. Morreu tranqüila, como anjo que era, vendo refletir-se em seus olhos a imagem de sua venerada mãe, que religiosamente lhe cerrou as pálpebras”. Recorda seu dolorido protetor: “Triste e dolorosa lembrança para nós que a vimos crescer ao nosso lado”.

E acrescenta: “Deus se dignou chamá-la numa idade de flores e quando se identificavam nela as mais risonhas esperanças”.

Sua vida foi uma chama que ardeu e brilhou plenamente!

Na manhã seguinte, após breve serviço religioso na Escola Evangélica da Rua San José, ex-condiscípulas e amigas de Carmen levam seus restos mortais, a pulso, para o Cemitério Central. No dia seguinte se renova a fúnebre procissão até o Cemitério de Dissidentes no Buceo, onde realizam a cerimônia evangélica os pastores G.P. Howard e A. Güelfi. Um jovem expressou com profundo sentimento, num discurso, o sentir de todos, “elogiando com palavras eloqüentes e justas os méritos e a resignação na dor de nossa querida irmã...”, diz o *El Evangelista* do dia 22 de novembro de 1889.

De repente, nada mais fica dela senão esta inscrição nos registros da Direção Geral de Cemitérios: “Carmen Chacon. Solteira. Uruguaia. Faleceu em 18 de novembro de 1889 às 9h30min da manhã. Tuberculosa. Buceo. Terra.”

Nada mais que estas fúnebres palavras? Que este desolador fim, este desvanecer-se no nada? Este derrubar-se numa cova?

Sim, permanece muito dela. Aos justos que morrem no Senhor, suas obras lhes seguem aqui, enquanto seu espírito vai receber a aprovação eterna: “Bem! Bom servo e fiel...”.

Raquel Foladori de Vázquez ocupou seu lugar no Colégio Evangélico Misto nº1 de Porto Alegre, e a obra iniciada com amor foi continuada com empenho e prosperou, agigantou-se até o presente e perdurará por gerações. E suas obras a seguem.

## Capítulo XII

### EPÍLOGO

Suas obras a seguem...

Assim, a manhã fragrante e luminosa de sua vida se nublou em plena luz.

Toda ela foi como o florescer no outono — luminoso e promissor —, como se houvesse surgido em toda a sua plenitude já nas proximidades do ocaso, o qual, por mais esplendoroso que seja, por mais matizes com que mostre seu vermelho numa graduação deslumbrante, por mais nitidez que tenha seu azul terso e suave, pronto a tornar-se branco, mais cedo se precipita a noite.

Mas a hora do ocaso é tempo de recolhimento e de oração, depois o repouso.

O fulgurante resplandecer de Carmen foi como o clarear da manhã que convida ao recolhimento para concentrar as energias e sair ao encontro da luz em que espera o trabalho — luz que há de ir aumentando até alcançar a plenitude do meio-dia, trajetória que há de seguir nossa vida e nossa obra.

E Carmen Chacon conseguiu essa plenitude, na manhã plena de sua vida, no desdobramento espiritual, consumada em sua ânsia de “caçar almas”...

Diz Jesus que o Reino dos Céus é como um grão de mostarda que semeado, sendo muito pequena semente, logo cresce e se desenvolve até chegar a ser a maior das hortaliças, ao ponto de poder dar abrigo em seus ramos às aves do céu.

Tal é a semente que com abnegação, regada com sangue jovem, começara depositando nas consciências e corações de seus três primeiros alunos. Sujeitou sua vida ao trabalho, porém deu forma e alento a uma instituição que hoje é um dos maiores estabelecimentos educativos de Porto Alegre.

E muito frutificou a obra de Carmen Chacon!

Nada, materialmente, resta hoje da obra por ela fundada. Que a fundou em edifícios alugados e adaptados para o ensino.

Hoje, sobre cimentos inalteráveis de granito, levantam-se os novos edifícios do Colégio Americano de Porto Alegre. Edifícios de linhas modernas, amplos, acolhedoras suas aulas e todas as suas repartições, que reconfortam a mente, a alma e o corpo.

Mas seu verdadeiro cimento é o exemplo do labor abnegado, o espírito de Carmen que dá vida e significação às pedras.

A diferença há de parecer enorme (um trem de comparações) entre, primeiro, a semente, sua floração e o fruto maduro de hoje. Porém, sua essência é uma, e a boa frutificação de uma árvore só se explica pela boa qualidade da semente...

Neste ano de 1945, em que a fundação do colégio cumpre sessenta anos, as classes já se ordenaram nos novos edifícios, mesmo quando alguns deles ainda estavam em construção.

Os diferentes departamentos do estabelecimento se levantam no bairro residencial de Petrópolis. Custou \$ 320.000 m/arg. Conta com uma capela custeada por ex-alunas do colégio e com uma calçada que se constrói na

colina Petrópolis, que consome fortes somas devido às rochas e buracos existentes. Dirige a obra de construção a Srta. Mary Sue Brown, engenheira e arquiteta de grande capacidade que está à frente do colégio.

A propósito da inauguração desta monumental obra, o *Correio do Povo* de Porto Alegre diz: “O Colégio Americano, e com ele o ensino secundário do Rio Grande do Sul, está de parabéns pela classificação de ‘Excelente’ que acaba de o conferir a Divisão de Ensino Secundário do Ministério de Educação e Saúde do governo federal. É, sem dúvida alguma, um justo prêmio este que se conferiu à mais antiga instituição de ensino para meninas em Porto Alegre”.

Detalha o espírito evangélico, embora tolerante e respeitoso a todas as crenças, que foi sempre a norma do colégio. Desde sua fundação, como escola de “alfabetização”, foi subministrando à juventude de “nossa terra, *diz*, as luzes das letras, das ciências e os não menos saudáveis ensinamentos do Evangelho de Jesus Cristo”. Em seus 60 anos de vida, não deixou de progredir em qualquer sentido.

O colégio tem os seguintes cursos: Jardim da Infância, Primário e Secundário com dois ciclos (o 1º de quatro anos e o 2º de três anos), conservatório de Música e curso de Economia Doméstica. O número de alunos é de 563.

Entre as muitas e excelentes comodidades com que conta o estabelecimento se destaca esta: “Um bosque para repouso das alunas, com variados espécimes de árvores tipicamente brasileiras; cercados e grutas darão ao campo que se acha ao pé da colina a poesia e o encanto de que é capaz a bela natureza de nossa pátria”.

Tudo quanto se acaba de realizar, até o último detalhe mencionado, traduz o sentimento de sua fundadora: a bela uruguaia que deu sua vida jovem para estabelecer o Reino de Deus no Rio Grande.

O que hoje se levanta sobre a colina de Petrópolis é, o repetimos, a frutificação de seu abnegado labor — mesmo quando seu nome não se mencione na reportagem do *Correio do Povo* de 19 de agosto de 1945. O Brasil tem, para com ela, uma dívida de eterna gratidão.

Carmen Chacon “realizou e sintetizou em sua vida de educadora um esplêndido ideal de mulher”, que perdura como inspirador exemplo para a juventude.

## SINOPSE DA VIDA DE CARMEN CHACON

1869: Em 8 de abril nasce Carmen Chacon em San Ramón, Estado de Canelones, Uruguai.

1875: Corrêa faz uma viagem de colportagem no Rio Grande do Sul (abril-dezembro).

1877: João C. Corrêa, evangelista, inicia os cultos na casa de Dom Eulogio Barbieri, em San Ramón. É fiel espectadora a senhora viúva de Chacon, com seus filhos.

*Maio*, dia 10: O Dr. Tomas B.Wood substitui o Dr. Thomson no pastorado da Igreja Central de Montevideo.

1878: Inicia-se em 1º de *janeiro* o registro de membros na igreja metodista de Montevideo, depois de ter sido organizada pelo Dr. Wood.

Nesse mesmo ano, Corrêa é nomeado pregador local.

No mês de setembro, o Dr. Wood assume a Superintendência da Missão iniciando um grande avanço do Evangelho em todas as direções.

1880: Corrêa, a convite de Ransom, que de imediato deve voltar ao Rio de Janeiro, realiza, durante seis meses, uma segunda viagem pelo Estado do Rio Grande do Sul.

1881: Corrêa deixa definitivamente a obra de San Ramón e leva consigo a menina Carmen Chacon, que revela grande inteligência. Carmen faz seus estudos secundários em Montevideo, sob a direção da educadora Teresa Calvet.

*Agosto*, dia 28: A propósito de ausentar-se, o Dr. Wood, para a Europa, Carmen lê uma mensagem de despedida no porto, aos 12 anos.

1883: Em *agosto*, Carmen lê um breve mas preparado trabalho diante o corpo de instrutores da Igreja Central — “Caçando Almas”. Nesse mesmo ano, Corrêa participa de uma viagem de pregação às margens do rio Uruguai, navegando-o. A viagem dura uns dois meses.

1884: Carmen é nomeada ajudante, durante o ano escolar, na Escola Evangélica (San José 258), dirigida por Adela Poggio. Sua capacidade pedagógica manifesta-se nos exames de fim de curso, merecendo felicitações pelo bom desempenho das crianças que lhe foram confiadas.

Pelo fim do ano, Corrêa sai em viagem acompanhando Milne à Argentina e ao Paraguai, chegando até o Mato Grosso.

1885: Estando nesta viagem, recebe a notificação do Dr. Wood, datada de 21 de março, de que foi designado encarregado do Distrito do Rio Grande do Sul, onde deve estabelecer obra.

Carmen Chacon é também nomeada para atender à obra educativa em Porto Alegre, que seria a primeira a fundar-se.

Chegam a Porto Alegre no mesmo mês.

*Setembro*, dia 22: Corrêa estabelece, formalmente, a classe metodista com seis pessoas. Mais tarde se funda, também, a Escola Dominical.

*Outubro*, dia 19: Iniciam-se as classes do Colégio Evangélico Misto.

1886: Wood deixa a Superintendência da Missão, depois de nove anos de labor progressista e sábia organização.

1888: Corrêa adoece, devendo permanecer 22 meses de cama.

1889: Carmen, à frente de toda a obra, cai enferma. Morre após 10 meses, em Montevideo, a 18 de novembro.

## APÊNDICES

### TESTEMUNHO DE SIMPATIA

O senhor Wood foi objeto de uma demonstração de apreço e simpatia por parte da congregação evangélica inglesa e da espanhola e de seus numerosos amigos desta capital... Pronunciaram-se comoventes discursos de despedida pela menina Carmen Chacon e a Srta. Magdalena Crovetto, que foram apreciados entusiasticamente pelos assistentes.

*El Evangelista*  
Agosto 20/1881.

#### *Discursos de despedida*

Publicamos a continuação dos discursos pronunciados no mole quando do embarque para a Europa do senhor Wood. Ao fazê-lo, não nos guia outro móbil senão o de comprazer às numerosas pessoas que manifestaram o desejo de conservá-los como uma recordação daquele ato fraternal.

#### **Pronunciado pela menina Carmen Chacon** [12 anos de idade]

Senhores:

Quiçá pareça fora de propósito a alguns espíritos aqui presentes que eu, uma menina, esperasse o último momento para dizer um adeus de despedida a quem estimo e com quem simpatizamos uma grande maioria dos que neste momento aqui nos encontramos. Ao fazê-lo, é pelo impulso de um dever que meu coração e minha alma não podem calar, e quer que seus sinceros ecos fluam por meus lábios fazendo-os repercutir no ambiente de todas as esferas humanas que aqui nos rodeiam.

Querido pastor. Querido irmão. Querido amigo: lá está o barco que os espera para recebê-los em seu seio e trasladá-los a distantes praias em cumprimento do dever; aqui estão teus cordeiros, teus irmãos, teus amigos, que se sentem comovidos pela ausência que dentro de poucos minutos todos começaremos a sentir. Porém, que vale este sentimento diante daquele pacto de amor e de verdade que brilha muito além de nossas cabeças? Oh! Nada, nada. Ainda temos vossas últimas palavras em nossa mente e as farei recordar aqui para responder à minha própria interrogação. “Aquele fé salvadora que une o espírito com seu Deus”. É aquela mesma que faz brotar abundantemente a esperança que jamais fenecerá.

Todos aqui a temos. Adeus irmão; tomai minha mão em nome de todos os que o estimam, e descanse vosso espírito naquela elevada convicção de que, privados de vossa presença, vossa imagem e aquela idéia que fecundou sobre a verdade que nos ensinastes aqui ficam esculpidas em todos os corações. Por isso, nosso pensamento em vós será selado tanto na presença como na ausência. Boa viagem, e espera de nosso Deus aquela promessa

divina de que “enviará os seus anjos para que os guardem em todos os vossos caminhos”.

*El Evangelista*  
Agosto 28/1881.

### **AOS INSTRUTORES**

(Pela menina Carmen Chacon)  
[14 anos de idade]

“Quem caça almas é sábio”  
— diz Salomão.

Estas palavras do sábio, por mais que pareçam estranhas a pessoas que nunca as ouviram, são oportuníssimas hoje que se acham reunidos neste recinto grande parte dos alunos das Escolas Dominicais Evangélicas.

Como disse antes: “Caçar almas”, parece algo surpreendente, e no entanto, é uma realidade que hoje apalpamos nesta reunião de pessoas, na qual muitas delas foram caçadas pelo Espírito Santo que, diga-se de passagem, serve-se de suas criaturas para ganhar alma ao Senhor.

Os homens do mundo, que fazem da caça uma profissão ou um passatempo, têm, cada um, sua maneira de caçar, e esta maneira adaptada a seus gostos ou conveniências; porém, em nenhum deles suas aptidões se desenvolveram sem terem tido, previamente, seus efetivos exercícios. E se o caçador ordinário caça, é por conveniência terrena, por conveniência do momento, destruindo ou aprisionando o que foi objeto de seu afã, enquanto o caçador de almas caça, não para satisfazer necessidades momentâneas, destruindo ou aprisionando o que foi objeto de seu afã, mas muito pelo contrário, por conveniências eternas, salvando as almas e ensinando-as a abandonar a escravidão de Satanás para conduzi-las à liberdade gloriosa de que gozam os filhos de Deus.

Queridas instrutoras: Como minha intenção ao começar foi a de dirigir-me a vós, particularmente, quero dizer-lhes que essa simpática e sábia profissão de caçar almas para o Senhor foi até agora a vossa, e ser uma das primeiras a declarar que a desempenhastes sempre com amor e com afã: porém, como a caça abunda e os caçadores escasseiam, fica muito ainda, muitíssimo o que fazer, e creio, por estes mesmos motivos, dever aconselhar-vos que não desmaieis; como o caçador ordinário se aperfeiçoa em sua profissão por seus contínuos e constantes exercícios, em vossa profissão, contando e estando sob a proteção e a direção do Supremo Caçador, os aperfeiçoeis também mantendo-os firmes em vossos lugares.

Ele os ajudará e os aumentará cada dia a inteligência de sua Palavra, a que, difundida com humildade e amor entre as almas que os estarão encomendadas de caçar, dará muitos frutos para a vida eterna, e então, com justiça, os serão aplicáveis às palavras: “Quem caça almas é sábio”.

*El Evangelista*  
Agosto 11/1883.